



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO FILOSOFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

JUANA KATARINNY LIMA DA SILVA

**OS OBSTÁCULOS AO DIÁLOGO E A URGÊNCIA DE UMA EDUCAÇÃO
DIALÓGICA CONFORME PAULO FREIRE**

**CAMPINA GRANDE
2023**

JUANA KATARINNY LIMA DA SILVA

**OS OBSTÁCULOS AO DIÁLOGO E A URGÊNCIA DE UMA EDUCAÇÃO
DIALÓGICA CONFORME PAULO FREIRE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do curso de Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento aos requisitos necessários para obtenção do grau de licenciatura em filosofia.

Área de concentração: Filosofia da Educação.

Orientador: Prof. Dr. Otacílio Gomes da Silva Neto.

**CAMPINA GRANDE
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586o Silva, Juana Katarinny Lima da.

Os obstáculos ao diálogo e a urgência de uma educação dialógica conforme Paulo Freire [manuscrito] / Juana Katarinny Lima da Silva. - 2023. 24 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2024.

"Orientação : Prof. Dr. Otacílio Gomes da Silva Neto, Coordenação do Curso de Filosofia - CEDUC. "

1. Diálogo. 2. Silêncio. 3. Mutismo. 4. Educação. I. Título

21. ed. CDD 370

JUANA KATARINNY LIMA DA SILVA

OS OBSTÁCULOS AO DIÁLOGO E A URGÊNCIA DE UMA EDUCAÇÃO
DIALÓGICA CONFORME PAULO FREIRE

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do curso de
Filosofia da Universidade Estadual da
Paraíba, em cumprimento aos requisitos
necessários para obtenção do grau de
licenciatura em filosofia.

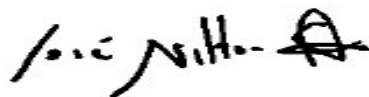
Área de concentração: Filosofia da
Educação.

Aprovada em: 29/06/2023.

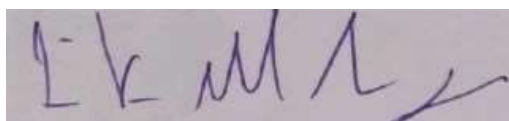
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Otacílio Gomes da Silva Neto (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Írio Vieira Coutinho Abreu Gomes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus filhos Apollo e Davi, são os motivos pelo qual busco avançar todos os dias, em cada área da minha vida, para que eles tenham, o melhor que eu posso proporcionar, e sempre o melhor de mim.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Prof. Dr. Otacílio Gomes da Silva Neto meu Orientador por acreditar na minha capacidade, quando eu mesmo não acreditei, pela paciência, compreensão e disponibilidade, ao longo dessa orientação, por todas as leituras sugeridas e por sua dedicação.

A minha vovó Odete (*in memoriam*), embora fisicamente ausente, sinto sua alegria, seu amor e acolhimento, dando-me força, aquela que nunca me deixou e só soltou minha mão em seu último suspiro.

A minha mãe, que sempre apoiou todas as minhas decisões, por sua confiança e apoio em cada fase da vida conturbada, nos sorrisos e nas lágrimas que não foram poucas, por todo seu esforço cheguei até aqui.

Aos professores do Curso de Filosofia da UEPB, em especial, Prof. Dr. Júlio César Kesting, Prof. Dr. José Nilton Conserva, Prof. Dr. Írio Coutinho, Prof. Dr. Arlindo de Aguiar Filho, Prof. Dr. Valmir Pereira e Profa. Dra. Simone Marinho Nogueira que contribuíram ao longo do curso, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento e construção do processo de ensino e aprendizagem.

Aos funcionários da UEPB, Deise Luci Silva Cunha e Kallina Jalles pela presteza e atendimento quando nos foi necessário, no período que faziam parte do Departamento.

“Se é dizendo a palavra com que *pronunciando* o mundo, os homens o transformam, o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens” (Freire, 2011, p. 109).

RESUMO

O objetivo desse trabalho é o de analisar a importância do diálogo como princípio norteador para a superação de situações de opressão e desumanização, conforme as ideias de Paulo Freire. Para desenvolver a nossa argumentação, partiremos dos conceitos de “mutismos” e “silêncio” nos quais têm suas origens em uma desastrosa herança colonial, conforme a “Educação como prática da liberdade”. Em seguida, apresentaremos o conceito de “educação bancária” como resultado de mandonismos e posturas autoritárias presentes naquelas sociedades fechadas, conforme a “Pedagogia do oprimido”. Dando continuidade à nossa argumentação, discutiremos sobre a importância de uma educação dialógica como superação da cultura do “mutismo” e demonstraremos a importância da educação problematizadora como prática pedagógica libertadora e dialógica como aporte necessário para uma transformação social em vista da humanização da cultura. Concluiremos o trabalho salientando a importância e o alcance das ideias de Freire em vista de uma prática pedagógica centrada na promoção humana.

Palavras-Chave: Diálogo; silêncio; mutismo; educação.

ABSTRACT

The objective of this article is to analyze the importance of dialogue as a guiding principle for overcoming situations of oppression and dehumanization, according to Paulo Freire's ideas. To develop our argument, we will start from the concepts of "mutism" and "silence", which have their origins in a disastrous colonial heritage, as exposed in "Education for the Practice of Freedom". Then, we will present the concept of "banking education" as a result of bossiness and authoritarian postures present in those closed societies, as argued by "Pedagogy of the Oppressed". Continuing our argument, we will discuss the importance of a dialogic education as a way to overcome the culture of "mutism" and we will demonstrate the importance of problematizing education as a liberating and dialogic pedagogical practice, as a necessary contribution to social transformation in view of the humanization of culture. We will conclude the article emphasizing the importance and scope of Freire's ideas in view of a pedagogical practice centered on human promotion.

Keywords: Dialogue; silence; mutism; education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 SOBRE O CONCEITO DE DIÁLOGO	11
2.1 “Mutismos” e silêncios como obstáculos ao diálogo	12
2.2 A necessidade de uma educação dialógica para a transformação do mundo .	15
3 CONCLUSÃO	18
REFERÊNCIAS	20

1 INTRODUÇÃO

A obra, o pensamento e o legado de Paulo Freire são marcantes na história da educação mundial. Inúmeros estudiosos de países com suas quase incontáveis línguas têm ou tiveram contato com o pensamento freiriano. Ler e reler a obra deste pensador pernambucano coloca o leitor diante uma herança permanente arraigada à uma educação libertária e humanista.

O interesse nessa pesquisa nasceu após constatar nas nossas práticas na sala de aula a importância do método de ensino de Paulo Freire, de sua visão de educação como uma ferramenta de transformação da sociedade, a beleza dessa forma de enxergar o outro, de reconhecer a importância da vida humana e todo o conhecimento que ela traz. Paulo Freire vê a educação como um ato coletivo e solidário, um relacionamento de confiança e igualdade, essa atitude de se inserir na realidade, de dialogar com quem está à margem dessa sociedade classista, que exclui os segmentos menos privilegiados.

A obra freiriana nos lembra que acreditar em alguém é um ato nobre, um ato de amor, esse amor por ensinar é notório em suas palavras e ações. Freire fez de suas teorias, uma prática, possível e alcançável por todo educador que esteja disposto a compreender sua filosofia, provou isso em Angicos região no interior do Rio Grande do Norte, com trabalhadores de canaviais locais, quando transformou suas vidas alfabetizando-as, vidas que transformam famílias e assim cria uma cadeia de benefícios e mudanças impossíveis de contar, que impactam toda uma geração.

É esse ato de amor que se traduz na beleza em educar e nos fez querer pesquisar, e tentar colocar em prática uma pedagogia humanista, entendendo ser esse o melhor caminho para se conduzir nossas aulas, criando um processo de aprendizagem crítica e reflexiva.

Nesse escopo, o objetivo desse trabalho é o de investigar o conceito de diálogo no pensamento freiriano. Para desenvolver esse trabalho, vamos partir do conceito de diálogo. Em seguida, optamos por incluir na discussão uma questão relacionada a causas e consequências da falta de diálogo de forma genérica e específica. Genérica por que faremos uma explanação dos conceitos de “mutismo” e “silêncio” como marcas de uma cultura autoritária. E específica quando citamos a educação bancária como característica de uma pedagogia antidialógica.

O trabalho se fundamenta numa pesquisa de base teórica e de caráter exploratório, visando, dessa forma, aprofundar a questão do diálogo a partir da obra “Educação como prática da liberdade”, de Paulo Freire. A “Pedagogia do oprimido” nos forneceu as bases para confrontar a educação bancária, da educação problematizadora. Aquela como parte de uma herança colonial nefasta fomentadora de “mutismos” e “silêncios” impostos pelos “senhores das terras e das gentes” e que subsistiu no domínio pedagógico pós-colonial. A revisão bibliográfica permitiu uma análise do tema à luz da ética, da educação e sociedade a fim de estabelecer reflexões importantes acerca do tema que será abordado.

Concluiremos o trabalho erguendo as bases uma educação dialógica como fundamentais para a humanização de uma sociedade, o que implica na urgência e no combate da exploração entre as pessoas, em uma maior participação sócio-política através do exercício da criticidade e da possibilidade de uma transformação da sociedade na qual a educação tem uma importância significativa.

2 SOBRE O CONCEITO DE DIÁLOGO

Considerando a vida e obra de Paulo Freire podemos afirmar que o conceito de “diálogo” não é uma mera abstração, pois como educador, a prática do diálogo foi uma constante na vida e na obra de Paulo Freire. A palavra “diálogo” é de origem grega e é formada pelos vocábulos “dia” + “logos”, palavra essa notoriamente associada ao pensamento de Sócrates e Platão.

Podemos arriscar em dizer que o “diálogo” é um dos fundamentos da filosofia, uma vez que ao se valorizar atitudes dialógicas, não se aceita atitudes autoritárias nas quais prevalecem às vezes pela força, um único ponto de vista. Conforme o “Dicionário básico de filosofia” escrito por Japiassú e Marcondes (2001 p.71):

Dialogar tanto pode ser aceitar o risco de não prevalecer seu ponto de vista de acordo quanto ao essencial, quanto acreditar que para além dos interesses e das opiniões que opõem os homens entre si dependendo de um outro registro do ser do homem (distinto do mundo sensível) e que seja possível tomar um caminho capaz de superar as particularidades individuais (e passionais) e impor uma universalidade (caminho da verdade).

Sendo assim, em um encontro entre pessoas que estejam dialogando sobre um determinado assunto, um não pode impor sua opinião aos demais e querer, por meio da força, que sua opinião prevaleça. Na verdade, se o diálogo for levado em consideração nesse grupo de pessoas, vai prevalecer um consenso mínimo entre elas. Nesse caso, o diálogo é o resultado de uma disposição das pessoas em decidirem conversar abertamente sobre determinados assuntos sem que nenhuma queira impor sua opinião sobre os outros, ou que alguma delas imponha um único caminho para se chegar a uma conclusão.

Como pensador preocupado com um tipo de educação não autoritária, ou seja, com uma educação que fosse construída em bases amplas independentemente das condições sociais, étnicas e territoriais, Paulo Freire foi combativo quando defendeu uma prática pedagógica que levasse em consideração os segmentos menos privilegiados da sociedade. Isso porque, o pensador pernambucano constata práticas autoritárias, e, portanto, antidialógicas em países emergentes como o Brasil. Baseado em Jaspers (1883-1969), Freire (2011, p. 141) em “Educação como prática da liberdade” afirma que diálogo é: “uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade (Jaspers)”.

Nesse aspecto, só é possível atingir um nível crítico de compreensão da realidade por meio do diálogo. Freire se refere à “relação horizontal” entre pessoas, o que implica na necessidade de exigência de uma relação de igualdade e liberdade entre elas. Igualdade e liberdade, porque ambas as pessoas devem partir da mesma condição para ter acesso à fala e à participação social no processo, sem interrupções, medos e constrangimentos. Para Paulo Freire, “mutismos” e “silêncios” são parte de uma prática pedagógica antidialógica e, portanto, autoritária.

Portanto, para continuar esse trabalho de conclusão de curso vamos nos ater aos conceitos de “mutismos” e “silêncios” como obstáculos para uma pedagogia dialógica. Em seguida, vamos apresentar um conceito de uma educação dialógica e seus efeitos na denúncia de uma educação bancária que põe em dificuldade a existência de uma educação problematizadora. O método dialético é o que predomina na análise, uma vez que conforme Souza (2004, p. 67) e Calado (2001, p. 40) de que é o método dialético hegel-marxista o grande inspirador da dialética empregada por Paulo Freire.

2.1 “Mutismos” e silêncios como obstáculos ao diálogo

Compreende-se pela palavra “mutismo”, o estado no qual a pessoa (ou grupo) não consegue falar, ou perdeu essa capacidade. Por “silêncio” entende-se como algo que tem um sentido mais abrangente quando comparado com a palavra “mutismo”. Conforme o “Dicionário de Filosofia” de Japiassú e Marcondes (1996, 247):

O silêncio pode constituir a expressão paradoxal daquilo que há de não-humano no homem: há o silêncio incomunicável, que caracteriza a alienação mental, e o silêncio da violência, caracterizando aqueles para os quais a linguagem e a comunicação não são possíveis.

Podemos afirmar que parte do que Freire entende por silêncio está em acordo com o que registra o “Dicionário de Filosofia”. Portanto, para Freire, nem sempre “mutismo” e “silêncio” são considerados sinônimos. De um lado, o sentido daquelas palavras caminham em acordo com a identificação de um ambiente de violência opressão no qual as pessoas se encontram, e por isso, terminam por agir passivamente diante dessa realidade. Como não é possível que o diálogo se estabeleça, podemos afirmar que o “mutismo” e o “silêncio”, quando motivados por um sistema autoritário, são obstáculos ao diálogo.

Seguindo as ideias de Paulo Freire, podemos entender o conceito de silêncio a partir de dois domínios. O primeiro domínio é trabalhado em “Ação cultural para liberdade e outros escritos” no qual Paulo Freire ressalta o conceito relacionado ao indivíduo ou grupo no qual pertence, como por exemplo, os “analfabetos”. Submetidos ao fatalismo explorador das culturas dominantes, os analfabetos são jogados nas valas do “mutismo” e do “silêncio”, localidades onde não se reconhecem como agentes transformadores da realidade, pois desconhecem o poder da “palavra”, conforme Freire (2011, p. 79): “Dificultados em reconhecer a razão de ser dos fatos que os envolvem, é natural que muitos, entre eles, não estabeleçam a relação entre não “ter voz”, não “dizer a palavra”, e o sistema de exploração em que vivem”.

O segundo domínio é registrado na obra “Educação como prática da Liberdade” e tem vínculo com a história, mais particularmente com a nossa herança colonial, portanto esse domínio tem um vínculo com a dimensão social. Nesta obra, Freire (2011) reconta o nosso passado colonial como parte de um experiência marcada por desmandos da Coroa representada pela elite latifundiária que comandava essas terras.

Para Freire (2011), as relações sociais foram marcadas pelo sistema escravocrata, pela exploração econômica em se tratando das relações entre metrópole e colônia, gerando assim uma sociedade “sem povo”, “fechada”, constituinte da nossa “inexperiência democrática” (Freire, 2011, p. 93-94):

Naquelas condições referidas se encontram as raízes das nossas tão comuns soluções paternalistas. Lá, também, o “mutismo” brasileiro. As sociedades a que se nega o diálogo – comunicação – e, em seu lugar, se lhes oferecem “comunicados”, resultantes de compulsão ou “doação”, se fazem preponderantemente “mudas”. O mutismo não é propriamente insistência de resposta. É resposta a que falta teor marcadamente crítico.

Sabendo que o mutismo não é apenas a “ausência” de fala, mas resultado da falta de interações sociais característico das sociedades antidemocráticas, os seus reflexos podem ser sentido nos tempos atuais, por exemplo nas tensões envolvendo o capital e o trabalho. Por exemplo, em tese, nas relações entre patrão e empregado: toda fala do patrão para o empregado vem como forma de “comunicados” nos quais impedem questionamentos por parte deste. Como consequência, o empregado é treinado à uma resposta sempre que provocado: “Sim senhor!”.

Na perspectiva pedagógica, a herança de uma “sociedade fechada” é parte do que Freire (2011) considera como “educação bancária”, conforme o nosso autor

registra em obras como “Pedagogia do oprimido”. A “educação bancária” é parte daquela educação tradicionalista na qual o estudante é visto como um depósito do conhecimento, um indivíduo cujo conhecimento de mundo não é levado em consideração, além de ser tratado como um fosse um sujeito vazio, que não tem nada para acrescentar nas aulas e precisa ser treinado pelo conhecimento do professor.

Esse é um tipo de educação opressora enfatiza a figura do professor como aquela autoridade intocável, detentor de saberes inquestionáveis e absolutos, e retira o direito do estudante de fazer parte do processo de construção da sua educação, não permitindo, portanto, o desenvolvimento crítico e reflexivo do educando. É o “mutismo” revelado como prática pedagógica nociva. Conforme podemos observar nas palavras de Freire (2011, p. 80): “A narração, de que o educador é sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em ‘vasilhas’, em recipientes a serem preenchidos pelo educador”, na “Pedagogia do oprimido”.

Paulo Freire entende que a educação formal fracassa quando está limitada a quatro paredes da sala de aula sem vínculo com a comunidade à qual pertence, e com professores limitados a transmitir para os alunos, técnicas estereis de decodificação de letras e sons na alfabetização. Do mesmo modo, o incentivo a práticas conteudistas desvinculadas da realidade e suas aulas pobremente expositivas nas quais enxergam o aluno como um depósito, é responsável por uma perpetuação da educação opressora e a consequente manutenção das estruturas de uma sociedade classista preocupadas em fazer com que as coisas permaneçam como estão.

A condição de silêncio um vez imposta de fora, por uma força violenta, não é adequada para a condição humana. Não é possível a existência de uma humanidade emancipada quando o silêncio é imposto e cria, portanto, obstáculos ao diálogo, conforme citação: “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão” (Freire, 2011, p. 108). Desse modo, “silêncios” e mutismos” são práticas que devem ser superadas para que algo novo floresça.

O processo de rompimento com o “silêncio” começa com a descoberta da palavra. Não uma palavra desencarnada, abstrata, com um sentido vazio e estéril. A palavra tem que ser dita fazendo referência ao contexto concreto no qual as pessoas vivem. Desse modo, seca, chuva, fome, casa, pão, trabalho, fazem muito mais sentido do que repetição de “vovó viu a uva”.

O autêntico encontro entre as pessoas passa necessariamente da “encarnação” da palavra ao mundo, sendo assim: “O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para *pronunciá-lo*, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu” (Freire, 2011, p. 108). A palavra pronunciada é também a palavra com potencial transformador, uma vez que os sujeitos que a compartilham, além de começarem a dominar a linguagem, também vão entendendo que a condição na qual vivem não é minimamente apropriada, portanto deve ser modificada.

2.2 A necessidade de uma educação dialógica para a transformação do mundo

A educação é um dos meios pelos quais as pessoas podem superar os obstáculos que os “silêncios” e “mutismos” impõem ao diálogo. Contudo, não é qualquer educação, pois, como vimos, a educação bancária reforça os obstáculos ao diálogo. Há um tipo de educação que corrobora com o autoritarismo e o mandonismo, e há um tipo de educação na qual, quando bem vivenciada e construída, favorece a teoria e a prática dialógicas. A educação não é neutra, para Paulo Freire: “Se, de um lado, a educação não é a alavanca das transformações sociais, de outro, estas não se fazem sem ela” (Freire, 1997, p. 267).

Na educação dialógica o conhecimento de mundo trazido por cada pessoa no ato da comunicação se vincula às demais. Ambos os conhecimentos devem ser problematizados, o que significa que o conhecimento é fruto da junção entre a vivência concreta do mundo no qual as pessoas estão inseridas e os saberes compartilhados dessas mesmas vivências concretas do mundo.

O compartilhamento de saberes tem potencial de possibilitar uma aprendizagem que une teoria e prática, que é elemento fundamental para a existência de uma educação dialógica. Para Freire (2011, p. 167), em “Medo e Ousadia”: “O diálogo é o momento em que os humanos se encontram para refletir sobre sua realidade tal como a fazem e a re-fazem”.

Portanto, em uma perspectiva pedagógica, em contrapartida àquela educação bancária, Paulo Freire traz a educação como uma forma de intervenção no mundo. Uma educação problematizadora e dialógica, onde o diálogo é o eixo articulador das relações cotidianas, é uma conexão com o real, onde professor e aluno fazem parte do processo educacional de forma igualitária e participativa.

No âmbito da sala de aula, uma educação problematizadora se inicia na ação dialógica entre educando e o educador, unindo o conhecimento que ambos tem do mundo, e de suas vivências ao longo da vida problematizando-os com os conhecimentos adquiridos, gerando uma ação-reflexão de mundo, dando sentido a sua existência. A meta é que, em uma situação de exploração humana não poucas vezes resultado de um colonização perversa ou de regimes autoritários, os sujeitos sejam se sintam capazes de transformar estas realidades adversas. Conforme Freire (2011, p. 97), em “Pedagogia do oprimido”: “a educação problematizadora, de caráter autenticamente reflexivo, implica um constante ato de desvelamento da realidade”.

Uma educação problematizadora não permite mandonismos ou manipulações por parte do educador. Muitas vezes, voluntariamente ou não, o educador é pensa de engrenagem de sistemas de exploração cujos efeitos são a naturalização de processos de desumanização. Para Freire (2011), ambos são sujeitos livres, vivos e ativos no processo do ensino-aprendizagem, conforme citação:

A tendência, então, do educador-educando como dos educandos-educadores é estabelecerem uma forma autêntica de pensar e atuar. Pensar a si mesmos e ao mundo, simultaneamente, sem dicotomizar este pensar da ação (Freire, 2011, p. 100).

Uma autêntica educação não acontece em um ambiente de medo e terror, característica da relação de dominação entre o oprimido e o opressor, porque, para Freire (2011), o fundamento do diálogo é o amor. Amor pelo mundo e pelos homens, é o ato enxergar os oprimidos, acreditar em suas capacidades e abraçar suas causas, e juntos ir em busca de uma libertação, conforme citação: “Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo.” (FREIRE, 2011, p. 111).

Dessa forma, esse compromisso de transformação é também um ato libertador, pois, o diálogo acontece nessa relação horizontal, com humildade, amor e fé nos homens. O oposto dessa atitude acontece na educação bancária, porque ela é verticalizada, hierárquica, limita o poder criativo e transformador dos educandos, causando uma paralisia, deixando-os cada vez menos críticos, satisfazendo o interesse da classe opressora, perpetuando-os como seres inferiores, medrosos, socialmente doentes, anulando o seu direito de fala.

Vimos que, uma educação para humanização, não se faz com um educador que trabalha com a transmissão de conteúdos e assuntos engessados e acabados, para que o educando possa assimilar esses conteúdos por meio de decorebas, e sim

uma educação que possibilite que ele seja um agente transformador. Do mesmo modo, o educador não pode ser hipócrita, romper com o vínculo entre teoria e prática, dizer uma coisa e fazer outra, pois: “Falar, por exemplo, em democracia e silenciar o povo é uma farsa. Falar em humanismo e negar os homens é uma mentira (Freire, 2011, p. 113).

Não é a educação propriamente dita que transforma por si só a realidade. É a educação problematizadora e dialógica vivenciadas pelos sujeitos nos quais juntos iniciam um processo de transformação da sociedade e da realidade em que vivem. A educação assim como a esperança em Freire não é aquela que espera, é aquela que age, sobre a realidade para melhorá-la, permitindo uma tomada de consciência da mesma.

A educação problematizadora já se constrói como resultado de novas práticas culturais baseadas em valores democráticos e participativos, nos quais as pessoas deixam de ser objetos e passam a ser sujeitos. Os “mutismos” e “silêncios” deformadores de toda e qualquer prática social, dão lugar à fala, à opinião e ao conhecimento mais preciso da realidade, com potencial de humanizá-la. Portanto, uma educação dialógica que se constrói na proporção em que a “massa” se transforma em “povo” pelo processo de conscientização, permite ao mesmo serem atores da história e fazedores de cultura.

3 CONCLUSÃO

Ao pensar na educação como uma ferramenta de transformação da sociedade, uma forma de intervenção no mundo, em sua obra, Freire (2011) resgata a dimensão dialógica do ensino e aprendizagem. Essa educação deve ser construída em bases amplas, é direcionada para todos, independentemente das condições, classes sociais, étnicas e territoriais. Daí porque sua obra foi aceita em diversos povos e nações.

A educação só é libertadora quando por meio da dialogicidade, há uma problematização da realidade, resgatando a condição humana e colocando o sujeito como pertencente a uma sociedade, e agente transformador de sua realidade, trazendo a humanização da sociedade.

Os obstáculos à humanização da sociedade, é uma educação que possui raízes autoritárias e socialmente necrófilas, compactuada em sociedades fechadas, com a presença de “mutismo e silêncios” pela falta de comunicação e perpetuada em uma educação bancária: conteudista, antidialógica e tirana, que enxerga o educando apenas como um depósito e os mantém como oprimidos.

Portanto, vimos que Freire (2011) reconhece que se faz necessário a superação dessa educação bancária, por uma educação dialógica e problematizadora. Uma educação para humanização que precisa trazer ao educando um acesso amplo à cultura, alargando o conhecimento de mundo do sujeito, juntamente com a problematização das práxis da sociedade, em busca da liberdade, engajando ativamente o relacionamento entre educando-educador ao educador-educando para uma formação integral do sujeito, tirando-o da condição de vulnerabilidade de oprimido, e o colocando como um ser ativo, criativo, com capacidade crítica e uma concepção de mundo e de si mesmo, libertando-os.

Salientamos nesse contexto, o papel fundamental da conexão entre educador-educando como parte desse processo de libertação. Freire (2011) entende o ser humano como inacabado e sempre em processo de aprendizagem, assim como o saber que está em constante construção, e o educador é aquele que deve estabelecer e mediar o ensino e aprendizagem por meio da dialogicidade, investigando e problematizando a realidade dos educandos, sem imposição, mais de forma sistemática e organizada com a intencionalidade, gerando a práxis educativa e compartilhando com os sujeitos envolvidos na aprendizagem.

Nessa construção do saber, na medida que se ensina também aprende, e ambos se tornam sujeitos desse processo regado de igualdade, humildade, fé, esperança e do amor que é o fundamento do diálogo, e assim entender que a educação dialógica é o caminho para a transformação e humanização da sociedade.

Freire (2011) nos faz refletir em sua proposta pedagógica que o ser humano não nasceu para ficar “mudo”, “comendo trancado” em meio a violência e a opressão. O silêncio quando não voluntarioso é característico de sociedades esclerosadas e necrófilas, onde só as elites obesas trabalham para manter a sua própria mesa farta. Enquanto a multidão é relegada à miséria. A aposta em uma educação problematizadora nos revela que “um outro mundo é possível”, e pode ser construído sobre as bases de um nova proposta de humanização na qual os sujeitos, por meio do diálogo, da comunhão entre a palavra e o mundo, sejam agentes transformadores.

REFERÊNCIAS

CALADO, Alder Júlio Ferreira. **Paulo Freire no Universo atçando as centelhas da utopia**. João Pessoa: UFPB, 1999.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a liberdade e outros escritos**. 14ª ed. Rio de Janeiro, 2011.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. 49ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

JAPIASSÚ, Hilton. MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de Filosofia**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

SOUZA, João Francisco de. **A atualidade de Paulo Freire: contribuições ao debate sobre a educação na diversidade cultural**. São Paulo: Cortez Editora, 2002.